

# GUERRA NO CORAÇÃO DO CERRADO: HISTÓRIA E TOPOFILIA NO ROMANCE DE MARIA JOSÉ SILVEIRA

WAR IN THE HEART OF THE CERRADO: HISTORY AND TOPOPHILIA IN MARIA JOSÉ SILVEIRA'S NOVEL

Ângela Maria Álvares Lapidus<sup>2</sup>

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo visa investigar a relação do sujeito com o espaço no romance *Guerra no coração do cerrado* (2006), de Maria José Silveira. A narrativa aborda, de forma ficcional, o conflito histórico entre os indígenas e o homem branco pela posse da mesma terra, no final do Século XVIII, no Planalto Central do Brasil. A partir das teorias espaciais, procura-se entender a relação dos índios Cayapó com o Cerrado, em seus aspectos afetivos e religiosos, como são mencionados no romance.

**PALAVRAS-CHAVE:** História; Espaço; Topofilia.

**ABSTRACT:** This article aims to investigate the relation of the subject with the space in the novel *Guerra in the heart of the cerrado* (2006), by Maria José Silveira. The narrative approaches, in a fictional way, the historical conflict between the natives and the man who was the owner of the same land, at the end of the 18th Century, in the Central Plateau of Brazil. From the spatial theories, it is tried to understand a relation of the Cayapó with Indians the Cerrado, in its affective and religious aspects, as they are mentioned in the novel.

**KEYWORDS:** History; Space; Topophilia.

---

<sup>2</sup>. Mestranda em Língua, Literatura e Interculturalidade na Universidade Estadual de Goiás - Brasil. E-mail: [angelalapidus@hotmail.com](mailto:angelalapidus@hotmail.com)

<sup>3</sup>Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás – Brasil. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás – Brasil. Professor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás – Brasil. E-mail: [ricardo.goncalves@ueg.br](mailto:ricardo.goncalves@ueg.br)

## 1. INTRODUÇÃO

A escritora goiana Maria José Silveira é antropóloga e professora universitária em São Paulo. Seu romance *Guerra no coração do cerrado* (2006), objeto do presente estudo, traz como tema o conflito entre índios e brancos, no final do século XVIII, na Capitania de Goiás, hoje Estado de Goiás. Com descrições que exaltam a exuberância do Cerrado no Planalto Central e a forte ligação dos índios Cayapó com esse território, a autora romanceou um dos acontecimentos históricos mais violentos e questionáveis do Brasil: a dizimação de diferentes etnias com a chegada e a permanência dos primeiros colonizadores. A nação Cayapó, uma dessas etnias, sofreu também um processo de aldeamento e com ele as tentativas de pacificação e aculturação, pois os indígenas eram considerados, pelo homem branco, selvagens e sem valor. Neste sentido, o romance destaca a protagonista Damiana da Cunha Menezes como mediadora do conflito entre os dois povos, justamente por dominar e se fazer respeitar pelos diferentes e contraditórios códigos culturais.

Segundo o romance analisado, Damiana da Cunha Menezes, a indígena educada na cultura do homem branco, tentou, usando diferentes estratégias, salvar a nação Cayapó do extermínio causado pela fome, pelas doenças ou pela violência promovida por ambos os lados. Uma dessas estratégias foi convencer algumas etnias a aceitar os aldeamentos propostos pela Coroa portuguesa. No entanto, os indígenas continuaram resistentes às propostas de paz que tinham como condição o afastamento de seus territórios de origem pelos quais demonstravam afeto e respeito religioso.

Isto posto, este artigo visa investigar na narrativa, a relação da etnia Cayapó com o Cerrado, tendo como embasamentos teóricos os conceitos de topofilia utilizado por Yi-Fu Tuan, a teoria de Marc Augé sobre os não-lugares,

as contribuições de Mircea Eliade com a abordagem do espaço sagrado e Mikhail Bakhtin com a teoria do cronotopo.

## **2. A HISTÓRIA ROMANCEADA**

A narrativa começa com a chegada de um grupo de índios à cidade dos brancos, Vila Boa de Goiás. Esse evento foi intencionalmente planejado pelo governador Luiz da Cunha Menezes, que almejava o aldeamento dos índios Cayapó como um triunfo que possibilitaria sua ascensão profissional e também sua partida de Vila Boa para uma província melhor, porque Vila Boa era considerada, pelo governador, o pior lugar do mundo, ambiente trepidado pelas solidões do sertão, perigoso pela proximidade com os índios de diferentes etnias, sendo os Cayapó uma das mais temíveis:

Desde que chegara a esta Vila de fim de mundo, três anos atrás, aguardava esta manhã. Era sua bela vitória. Seu grande feito. Seu, queira o bom Deus! Passaporte para sair dali. Para isso viera, entre outras coisas: para dominar e vencer os belicosos índios da nação Cayapó. Se não conseguira muito mais naqueles anos de desconforto e frustrações nesse lugar esquecido de Deus, e certamente também do Diabo, porque nem o Diabo, se pudesse, escolheria viver naqueles cafundós, pelo menos isso ele conseguiria: pacificar os selvagens. (SILVEIRA, 2006, p.16).

O objetivo de Cunha Menezes era mostrar o poder bélico dos brancos e assim impressionar e intimidar os índios para que eles se submetessem ao processo de aldeamento. Aldear, naquele contexto, significava submeter os indígenas ao poder dos brancos com falsas promessas de proteção, para que o processo de colonização avançasse com a ocupação pastoril e sobretudo, possibilitasse a extração de ouro e pedras preciosas que seriam encaminhados para a Coroa Portuguesa.

Para convencer os índios a aproximarem-se dos brancos, Cunha Menezes organizou uma bem-sucedida expedição comandada pelo soldado José Luiz Pereira, que conhecia os costumes indígenas e também a forma de persuadi-los com presentes e a falsa ideia de proteção.

Cinco meses depois teve primeira e alvissareira satisfação de ver o soldado chegar com um grupo de 36 índios, persuadidos a virem conhecê-lo, a ele, o governador, o Grande Capitão. O grupo veio com um velho cacique, de nome Romexi, enviado como representante do cacique principal dos Cayapó, de nome Angraíocha, para verificar se eram verdadeiras as promessas do soldado Pereira. (SILVEIRA, 2006, p.19).

Havia, por parte do governador Cunha Menezes, uma perspicácia para lidar com a vaidade dos índios: fazia-os se sentirem importantes, dignos de toda honraria que lhes eram dispensadas. E por toda força, postura e reconhecido poder, demonstrados por meio de suas artilharias, os brancos despertavam nos índios sinceros sentimentos de admiração e respeito: “O velho Romexi e sua comitiva, com suas plumas e pinturas coloridas, bordunas e arco e flecha, olharam tudo aquilo com encantada admiração e profundo respeito” (SILVEIRA, 2006, p. 20).

O grupo, depois de visitar e ser convencido que a vida era muito melhor no aldeamento em São José de Mossâmedes do que nas matas, voltaram à aldeia para levar presentes e convencer seus iguais a aceitar a condição de aldeamento. São José de Mossâmedes ficava distante a sete léguas de Vila Boa, que convertidos para as medidas usadas atualmente, seria por volta de 30 quilômetros. De acordo com Suelen Siqueira Júlio (2015), a historiografia já mencionava os aldeamentos como parte do projeto colonial desde o século XVI, com objetivo de ensinar os índios a viver de outra forma e, assim, serem explorados como mão de obra principalmente para a agricultura.

Ao descrever a volta de um grupo maior de índios comandados pelo chefe Angraíocha, o narrador salienta, com detalhes, o traje dos personagens como se conhecesse a cultura e as características que os distinguem de outros grupos indígenas. Segundo Frota (2013), o narrador é o focalizador da cena, portanto, é a sua percepção do objeto que será representada. Assim, o narrador não só descreve a cena, mas também atribui significados à sua percepção:

São guerreiros reluzindo vermelhos, pintados com riscas azuladas, amarelas e brancas. Nos cabelos braços e pernas, as plumas coloridas dos pássaros do Cerrado. Nas costas, aljavas repletas de flechas; nas mãos e ombros, os arcos enormes e as temíveis bordunas em cujo manuseio eram mestres. Por baixo da pintura feérica, a pele avermelhada, e os cabelos negros, duros, volumosos, chegando até o ombro, cabelos queimados à altura das sobrelhas com carvão aceso, o rosto redondo e largo, olhos pequenos e escuros, narizes achatados, lábios grossos, dentes alvíssimos e completos. Nas orelhas e nos lábios inferiores perfurados os adornos de madeiras típicos da nação Cayapó. (SILVEIRA, 2006, p. 24).

O número e a imponência dos indígenas causaram pavor aos habitantes de Vila Boa, inclusive em Dom Luiz, que apesar de seu temor, manteve-se em posição de chefe, que recebe outro chefe, igualmente importante. Este cerimonial de recepção com sinos, estrondos e a presença dos soldados, a aproximação e saudação de Dom Luiz, selaram, naquele momento, a possibilidade de convivência entre brancos e índios:

Atrás do cacique Angraíocha – soberbo, em pleno vigor de chefe guerreiro, com seu grandioso cocar de plumagem colorida, o corpo listrado de várias cores e riscado de cima a baixo com cicatrizes – vem uma índia quase idosa e, ao lado dela, uma criança. Uma menina de quatro para cinco anos que, pela primeira vez, vê o homem branco e sua espantosa aldeia. (SILVEIRA, 2006, p. 25).

A criança a quem o narrador se refere é Damiana da Cunha Menezes, personagem central do romance, que foi criada no palácio pelo então governador Dom Luiz, como afilhada, permanecendo como uma ponte entre os brancos e os Cayapó por mais de cinquenta anos, na tentativa de apaziguar o conflito entre esses dois povos.

Conforme descrito no romance, as crianças indígenas batizadas na Igreja Católica, recebiam nomes e sobrenomes escolhidos por seus padrinhos. A pequena índia Cayapó, teve seu nome e sobrenome escolhidos pelo padrinho, Dom Luiz da Cunha Menezes.

Damiana inseriu-se na cultura dos brancos, aprendeu a língua e a doutrina católica, participou e apreciou, de acordo com a narrativa, os cultos religiosos com o intuito de descobrir o segredo dos brancos, do poder que deles emanava, porque esta era a missão que lhe foi secretamente confiada pelo seu povo, com a orientação de Romexi, o velho cacique: “Abrir seus olhos e seus ouvidos de panará e ver e escutar o que fazia e como fazia o homem branco” (SILVEIRA, 2006, p. 49).

Em 1783, Dom Luiz é transferido para a Capitania de Minas e a jovem Damiana volta a morar com seu povo no Aldeamento de Maria Primeira. Os caciques Romexi e Angraócha ensinaram à Damiana o saber indígena para que ela servisse e guiasse seu povo com sabedoria e maturidade.

Pesquisas históricas enfatizam a habilidade de Damiana em conviver simultaneamente em culturas diferentes e rivais, em transitar em ambos os espaços e atender os interesses dos dois povos. A Coroa portuguesa insistia nos aldeamentos e os Cayapó não aceitavam a presença dos brancos em seus territórios. Segundo a pesquisadora Suelen Siqueira Júlio (2015) Damiana liderou e conduziu diversas expedições pelo interior do Cerrado, em busca de contato com índios que haviam fugido ou eram resistentes ao aldeamento.

Nota-se no romance analisado o sentimento de pertencimento da personagem Damiana, em relação ao seu povo e ao lugar: “ali em sua aldeia todos os olhos se movem junto com ela. Todos a amam. Todos fazem uma festa permanente para suas coisas. Todos riem com ela – não dela – o tempo todo”(SILVEIRA, 2006, p.87).

Percebe-se Damiana integrada à sua comunidade. O aspecto positivo da convivência, uma integração coletiva, caracterizada pelo sentimento de amor pelo Cerrado e conhecimento dos ciclos naturais: “É tempo de muitas danças ao redor da fogueira à noite. De celebração do mundo que amam. Eles amam a vida, amam a terra, amam o cerrado que conhecem profundamente” (SILVEIRA, 2006, p.87). Explicitamente, o narrador revela os sentimentos topofílicos dos Cayapó pelo lugar.

Segundo Júlio (2015), Damiana exerceu papéis diferentes conforme a necessidade que ela identificava em algum momento, pois, com a mesma naturalidade que estava inserida na cultura do homem branco, cumprindo regras sociais e religiosas, também adentrava nua nas matas como qualquer índia Cayapó, nas expedições que liderava.

Na ficção, Damiana ocupa o espaço de heroína, pois liderou seu povo por mais de cinquenta anos, na tentativa de salvá-los contra as investidas do homem branco e da dizimação, mesmo que a única solução fosse os aldeamentos. O romance termina enfatizando a personagem Damiana introspectiva, reavaliando suas decisões como líder e mediadora diante da derrota de seu povo, naquele momento.

De acordo com o enredo do romance, os índios Cayapó defendiam o Cerrado como lugar de suas experiências existenciais, dotado de valores sentimental e espiritual porque ali viveram seus ancestrais. “Na verdade, tudo ali é muito mais que milenar, é da ancestralidade primeira da vida, mas isso nem Romexi sabe” (SILVEIRA, 2006, p. 90).

Diferente era o valor dado pelo homem branco ao Cerrado, que concebia os territórios indígenas como locais ricos em ouro e pedras preciosas que estariam disponíveis para quem chegasse primeiro. “E foi justamente no território tradicional dos Cayapós que descobriram as minas de diamante e ouro” (SILVEIRA, 2006, p.38).

Para os Cayapó o Cerrado era historicamente seus lares, culturalmente o local de suas aprendizagens, suas cosmologias, seus sustentos e socialmente onde a convivência entre seus iguais acontecia. Percebe-se, na análise da narrativa, que as experiências individuais e coletivas são fatores importantes que sustentaram a vinculação dos Cayapó com seu território.

Segundo Yi-Fu Tuan (2013, p.7): “o lugar é construído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimento e entendimento, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem”. Esta ligação afetiva do sujeito com o meio, Yi-Fu Tuan (2013) conceituou como topofilia.

A partir desse conceito, é possível compreender as razões pelas quais os indígenas defenderam com tanta determinação o Cerrado como seus lugares de existência coletiva, pois era o território carregado de significados afetivos e pragmáticos que envolvia a vida no sentido de sua subsistência e a compreensão da morte, quando acreditavam na presença dos espíritos dos antepassados. No romance, os sentimentos topofílicos são também evidenciados no aspecto mítico, tanto na dimensão individual quanto coletiva, com o entendimento das personagens que no mesmo território que estavam os vivos, residiam também os sábios espíritos de seus ancestrais: “Um dia haverá que os espíritos dos nossos antepassados nos iluminarão então saberemos como agir” (SILVEIRA, 2006, p. 105).

Embora o enredo do romance estudado tenha como referência temporal o século XVIII, é possível entender a relação dos indígenas com seus

territórios de origem a partir de teorias e conceitos atuais, que discutem a relação do sujeito com o espaço na modernidade. Para Marc Augé (1994) um espaço só pode se definir como lugar se for o local da convivência, de trocas e de sentimento de pertencimento individual e coletivo. Além disso, o lugar deve apresentar características identitárias, relacionais e históricas. Afirma também que a ausência dessas características indica o não-lugar, ou seja, um espaço impessoal, sem significado, apenas transitório como os meios de transportes, hotéis e outros. No entanto, torna-se necessário destacar que o mesmo teórico elucida que tanto os lugares quanto os não-lugares podem sofrer modificações em razão da dinamicidade das relações interpessoais. Neste sentido, é possível identificar no romance *Guerra no coração do cerrado* (2006), os aldeamentos, como espaço da transitoriedade, do restrito convívio social e, portanto, do enfraquecimento das práticas culturais da etnia Cayapó que tradicionalmente e antes do aldeamento se davam no coletivo. “Dançavam sozinhos, formando um círculo, sem se darem as mãos” (SILVEIRA, 2006, p. 141). Este fragmento do romance aponta, por meio do comportamento dos personagens, o aldeamento como o não-lugar, ou seja, um local de passagem, sem história e sem sentido para o povo Cayapó.

Nota-se pela percepção dos personagens que para cada situação que é apresentada no desenvolvimento do enredo, o mesmo território pode ser percebido de forma diferente de acordo com cada situação específica: para os colonizadores a região ocupada pelos indígenas tinha um valor comercial. Para a nação Kayapó seus espaços eram dotados de significados afetivos, sociais, culturais e também sagrados.

O romance, mostra pela visão da personagem Damiana este aspecto sagrado do Cerrado em determinados pontos como os santuários, espaços propícios para a meditação e a introspecção. Um lugar onde é possível encontrar soluções para os problemas que ela precisa resolver. “Damiana

precisa meditar, refletir. Decide ir ao santuário dos antepassados” (SILVEIRA, 2006, p. 148).

A religiosidade do povo Cayapó, representado pela índia Damiana, constitui-se um elemento interessante de análise para este artigo, pois, alude ao espaço em uma perspectiva que transcende o natural, os santuários descritos no romance. Segundo Mircea Eliade (1992, p. 17), “para o homem religioso o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes de outras”, ou seja, a sacralidade ou a relação do sujeito com o sagrado manifesta-se por meio de diferentes culturas e percepções. Na concepção de Eliade, entende-se por homem religioso aquele que admite um sentido transcendente para sua existência. No romance analisado, a natureza e a exuberância do Cerrado constituíam o espaço sagrado para o povo Cayapó. Desta forma, a invasão dos territórios indígenas pelos colonizadores e os aldeamentos significaram a violação de suas crenças e, portanto, a instalação da expropriação, da violência e da hecatombe.

Outro aspecto identificado no romance foi o tempo histórico e o tempo cíclico pela percepção da personagem Damiana, como descreve o narrador nos fragmentos que se seguem: “Dessa vez, é tempo de seca, mas ela [Damiana] nota folhas mordiscadas por burros, onde antes não passava burro. Repara nas moitas de capim pisoteadas por botas do homem branco, onde antes não passava brancos” (SILVEIRA, 2006, p. 209). A personagem conhecia o Cerrado e, portanto, sabia e podia distinguir naquele espaço as modificações sofridas pela presença do homem branco.

É possível perceber na narrativa, integração dos personagens com natureza e a percepção dos ciclos naturais:

Outro [momento de alegria] era a hora em que o sol nasce e a hora que ele se põe. Quando esses momentos do dia a encontram em

algum lugar de planura aberta e não na mata, ela se deixa mergulhar na perfeita beleza que a envolve e fica ali, quieta, contemplativa, orgulhosa: é a sua terra e seu sol. (SILVEIRA, 2006, p. 209).

De acordo com Tuan (2013), o lugar é também o espaço da experiência pessoal. Nesse fragmento da narrativa, a personagem Damiana se mostra introspectiva, diante da beleza dos movimentos do sol e ao mesmo tempo demonstra segurança e orgulho ao dar significado ao que sua visão podia alcançar, manifestando, nesses momentos, sentimentos topofílicos em relação ao Cerrado. A subjetividade é um elemento presente na relação do sujeito com o espaço “pois pode gerar sensações no sujeito que o percebe e ele pode atribuir ao espaço valores pessoais, de acordo com sua experiência” (FROTA, 2013, p. 23). Desse modo, a personagem Damiana concebia como “seu” a terra e o sol, o que pode ser entendido como uma sensação de pertencimento e de vínculo afetivo.

No final do romance, a personagem Damiana avalia a ação devastadora da guerra ao deparar-se com morte de pessoas e a aniquilação das aldeias. Recorda-se de como era aquele espaço sem a presença do homem branco:

Atravessa uma pequena floresta, e seu coração de repente se fecha quando seus olhos caem sobre os destroços de uma roça recentemente queimada. Cinzas pretas e tocos carbonizados onde não devia ter restolhos de queimada e sim flores e o verde da plantação. Ergue a cabeça e vê bandos de urubus revoando ao longe. Muitos. (SILVEIRA, 2006, p. 245).

Por meio da observação da protagonista Damiana, é possível confirmar na narrativa a presença de dois elementos importantes para os estudos espaciais: o tempo e o espaço de forma indissociável. Damiana observa os acontecimentos à sua volta, constrói uma percepção espacial associada àquele momento histórico específico de morte e destruição:

Quando, por fim, divisa a aldeia e vê fumacinhas pretas ainda saindo dos montes de cinzas negras espalhadas por onde deviam estar as choças, seu coração já carregado de pressentimentos como quem dá uma cambalhota e pára. Páraali, naquele milésimo de segundo em que foi e veio no mesmo ritmo a vida inteira; ali, agora, naquela mínima fração de tempo, o velho ritmo se quebra e seu coração para no meio do salto como se pensasse, se refletisse, se decidisse naquele instante infinitesimal se valia mesmo a pena voltar para ver o que estava prestes a ver. A aldeia morta. (SILVEIRA, 2006, p. 245).

Toda a exuberância do espaço do Cerrado deixou de existir em detrimento do tempo de guerra, ou seja, a protagonista percebia quase de forma material o tempo e o espaço, sem a possibilidade de um existir sem o outro.

Bakhtin (1997) usa o conceito cronotopo, para referir-se à relação tempo-espaço apresentada na Literatura. A composição cronotopo, é o resultado de uma junção das palavras gregas crono (tempo) e topo (lugar) e indica a interdependência entre elas. Assim, nos textos literários, entende-se os personagens e suas relações em um determinado tempo e espaço. O romance *Guerra no coração do cerrado*, por meio das personagens, aponta em seu enredo a construção do espaço (Cerrado) em um momento (tempo) especificamente histórico: a guerra entre índios e brancos, no final do Século XVIII. Neste caso, os elementos tempo e espaço tornam-se essenciais para o sentido da narrativa, onde esses elementos estão indiscutivelmente associados:

[Damiana] tinha passado por muitas aldeias arrasadas, mas era diferente.

Nunca chegara logo depois de um ataque, como agora; só bem mais tarde quando a ruína já parecia fazer parte da natureza em volta. Quando, mais do que atacadas, era como se tivessem sido abandonadas ou arrasadas por algum evento natural, como uma tempestade de raios.

Jamais vira nem de longe nada nem de longe parecido com o que está vendo agora.

Jamais chegara, como dessa vez, no mesmo dia do ataque, quando cheiro de sangue, fogo, dor e morte ainda contamina o ar. E quando os copos de seus parentes, homens mulheres e crianças, ainda estão espalhados, deitados em seu sono antinatural no chão crestado da aldeia no cerrado.

Dessa vez, chegara muito tarde. Ou demasiado cedo. (SILVEIRA, 2006, p. 246).

Assim, o fragmento de texto acima exemplifica a aplicabilidade do conceito de cronotopo para o entendimento de uma narrativa, tanto pela fusão do tempo e do espaço quanto pela produção de sentido a partir da percepção do entrelaçamento do mundo real e do mundo imaginário. O resultado dessa aplicabilidade é a compreensão do texto literário contextualizado em tempos e espaços históricos reais, no caso da narrativa, o final do século XVIII e o Cerrado do Planalto Central. Desta forma o cronotopo do romance analisado auxilia a construção da imagem dos personagens em seus diferentes contextos dentro do enredo.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise do romance *Guerra no coração do cerrado* de Maria José Silveira permitiu associar teorias espaciais a um texto literário para compreendê-lo em suas dimensões afetivas e religiosas. Os conceitos de topofilia e de cronotopo foram, respectivamente, ferramentas fundamentais para a compreensão dos aspectos subjetivos dos personagens e dos aspectos espaciais e temporais do enredo, evidenciados pela ligação entre o real e o imaginário. O resultado da análise do romance, sob a ótica da relação do sujeito com o espaço, aponta que os índios Cayapó estabeleciam com o Cerrado um vínculo de religiosidade e afetividade com forte sentimento de pertencimento. Neste sentido, entende-se que os indígenas ao defenderem seus territórios, defendiam também suas crenças e tradições.

**REFERÊNCIAS**

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 1994. Coleção Travessia do Século.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovich. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRANDÃO, Carlos R. *Identidade e etnia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FROTA, Adolfo José de Souza. *O espaço da melancolia na Trilogia da Fronteira, de Comarc McCarthy*. 2013. 232 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/3084/5/Doutorado%20em%20Letras%20Adolfo%20J%20de%20S%20Frota.pdf>>. Acesso em 05.05.2018.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JULIO, Suelen Siqueira. *Além do esperado: a trajetória da índia Damiana da Cunha (Goiás, c. 1780-1831)*. Disponível em: <[http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2013/ig/pdf/ganhadores\\_9edicao/Cat\\_Graduado/SuelenSiqueira.pdf](http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2013/ig/pdf/ganhadores_9edicao/Cat_Graduado/SuelenSiqueira.pdf)>. Acesso em 30.05.2018.
- MANO, Marcel. *Sobre as penas do gavião mítico: história e cultura entre os Kayapó*. Campo Grande: Tellus, 2012. Disponível em: <<http://tellus.ucdb.br/index.php/tellus/article/viewFile/277/294>>. Acesso em 30.05.2018.
- SILVEIRA, Maria José. *Guerra no coração do cerrado*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina, PR: Eduel, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

Recebido em 01/12/2018.

Aceito em 15/02/2019.